



▶ NA PÁGINA 5

O grande injustiçado do Oscar deste ano, o filme *Segredos e Mentiras*, está sendo lançado em vídeo

▶ NA PÁGINA 6

O Quarteto Darcos, de Campinas, irá representar o Brasil num encontro de grupos de câmara, na Argentina

CAMPINAS, TERÇA-FEIRA, 1º DE ABRIL DE 1997

O equívoco das trilhas sonoras nacionais

SILVANA GUAIUUME

A produção de uma cena de filme, ou de novela, exige cuidados milimétricos que consomem horas de preparo. Pronta e formatada, a imagem que será reproduzida nas telas pode perder toda sua carga dramática se houver qualquer equívoco na trilha sonora. "A música é 50% da cena", avalia o compositor Sérgio Ricardo, autor de temas cinematográficos. Ele comenta que, apesar do crescimento desse mercado no País, a produção de trilhas sonoras ainda esbarra no amadorismo.

A questão será discutida no Festival de Cinema de Curitiba, entre os dias 28 de abril e 8 de maio, num seminário ministrado por Sérgio Ricardo, que compôs as trilhas de *Deus e o Diabo na Terra do Sol* e *Terra em Transe*, entre outras. Ele irá debater a falta de profissionais na área. "O problema não é falta de compositores, mas de compositores interessados com a associação da música à imagem. Isso requer especialização", alega.

O músico acrescenta que a trilha incidental, temas curtos que acompanham cada cena de acordo com seu apelo dramático (no termo incluem-se situações de riso, alegria, júbilo, tristeza ou terror), é a parte mais difícil. "O compositor tem que seguir a imagem, ajudando a definir os sentimentos que aquela cena irá provocar. É preciso muito traquejo para isso", diz.

Responsible pela implantação do Departamento de Sonorização da Rede Globo, e pela composição de pelo menos duas centenas de trilhas sonoras, o maestro e compositor Júlio Medaglia atira para todos os lados quando fala sobre o assunto. Ele lamenta o descaso de produtores de teatro, televisão e cinema com relação à atividade.

"A Globo já teve até uma sinfônica, montada por mim, para produzir as músicas de seus seriados e novelas. Hoje não tem mais. Os músicos foram todos despedidos e eles trabalham com sintetizadores", conta, apontando a inevitável queda na qualidade das trilhas sonoras da emissora. Quando ainda coordenava o Departamento de Sonorização da tevê, Medaglia discutia minuciosamente cada tema com os diretores das produções. "Cada tema tinha diferentes variações para mostrar alegria, tragédia e outras situações. As novelas e

Nas palavras do maestro e compositor Júlio Medaglia, que tem pelo menos 200 trilhas sonoras no seu currículo, divididas entre cinema, teatro e televisão, em algumas cenas a música é mais ágil que o texto. "Ela entrega coisas que não estão na imagem. A trilha sonora é um elemento da produção e não um complemento. Ela interage com a imagem, enriquecendo-a", diz.

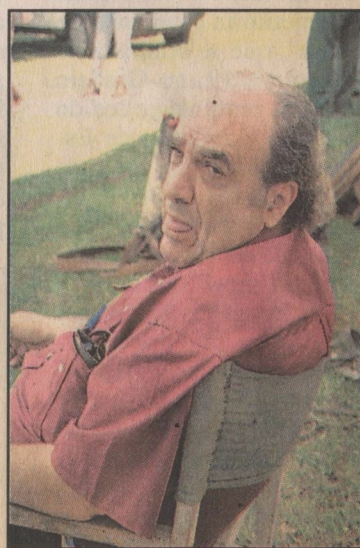
Mas a grande dificuldade dos músicos que compõem trilhas sonoras está no pouco conhecimento musical de diretores e produtores. Medaglia e Sérgio Ricardo lembram que a música é a última preocupação do diretor de um filme para cinema. "Eles deixam para pensar na trilha quando as filmagens

estão encerradas e o dinheiro também", comentam. Medaglia complementa que, na maioria dos casos, o cachê é quase simbólico. "A gente ganha duas vezes mais para participar da gravação de um disco", conta. De acordo com Sérgio Ricardo, os compositores encaram o trabalho apenas como um bico. Ele aponta ainda problemas na legislação sobre os direitos autorais dos músicos que compõem para cinema. "A profissão é marginalizada porque não existe nada que a proteja. Os direitos autorais não são regulamentados", lamenta.

Nem todos os profissionais que praticam a atividade recebem os direitos pela exibição do filme, acrescenta Sérgio Ricardo. Ele acredita que o correto seria destinar uma parcela dos ingressos vendidos para o autor da trilha, o que não acontece na prática. Apesar de todas as restrições, Sérgio defende que o mercado de trilhas sonoras ainda é viável no Brasil, principalmente para os "apaixonados" pela atividade. "Mas é preciso haver a



FOTOS: ARQUIVO



Júlio Medaglia (acima) lamenta o amadorismo da atividade e diz que Antonio Abujamra (à esquerda) é um dos raros diretores que sabem valorizá-la. Cena do filme *Deus e o Diabo na Terra do Sol* (à esquerda), que teve a trilha assinada por Sérgio Ricardo



do. Ele acredita que o correto seria destinar uma parcela dos ingressos vendidos para o autor da trilha, o que não acontece na prática. Apesar de todas as restrições,

Sérgio defende que o mercado de trilhas sonoras ainda é viável no Brasil, principalmente para os "apaixonados" pela atividade. "Mas é preciso haver a

profissionalização dos diretores nesse sentido, para que compreendam a importância da música na construção da cena e a valorizem", completa Medaglia.

Compositores sonham com o cinema

O mercado restrito e autoritário não diminui o fascínio que as trilhas sonoras exercem sobre os compositores. O pianista campineiro Bebeto Von Buettner, que já trabalhou compondo para teatro e documentários de tevê, lamenta que a atividade seja pouco praticada no Brasil e não tenha o merecido respeito. Mas não desiste. "É muito interessante para o músico porque é uma criação em função de alguma coisa", defende.

Segundo Bebeto, ao mesmo tempo em que a cena limita a imaginação do compositor, ela estimula sua criatividade a partir de uma situação específica. O último trabalho de músico na área foi a composição musical para o documentário *Flávio de Carvalho*, exibido pela tevê Cultura, que venceu o Prêmio Estímulo do Governo do Estado. "Pude usar dodecafonismo e fiquei sabendo que o Caetano Veloso elogiou muito quando ouviu. Fiquei vaidoso", orgulha-se.

O proprietário de um estúdio campineiro, Paulo César Nunes Evangelista, também teve algumas experiências com trilhas de teatro e documentários, mas explica que 80% de sua produção é ocupada por jingles. "O mercado de trilha é muito restrito", lamenta. Mesmo assim, Evangelista e Bebeto acalentam um sonho. Compôr para cinema.

Descaso alimenta a crise da música na dramaturgia

Responsável pela implantação do Departamento de Sonorização da Rede Globo, e pela composição de pelo menos duas centenas de trilhas sonoras, o maestro e compositor Júlio Medaglia atira para todos os lados quando fala sobre o assunto. Ele lamenta o descaso de produtores de teatro, televisão e cinema com relação à atividade.

"A Globo já teve até uma sinfônica, montada por mim, para produzir as músicas de

seus seriados e novelas. Hoje não tem mais. Os músicos foram todos despedidos e eles trabalham com sintetizadores", conta, apontando a inevitável queda na qualidade das trilhas sonoras da emissora. Quando ainda coordenava o Departamento de Sonorização da tevê, Medaglia discutia minuciosamente cada tema com os diretores das produções. "Cada tema tinha diferentes variações para mostrar alegria, tragédia e outras situações. As novelas e

seriados tinham uma grande unidade", recorda.

O maestro esbraveja que atualmente a trilha sonora é considerada "mera lubrificação" da imagem. Ele enfatiza que a mesma crise se repete no cinema e no teatro. "No teatro, os diretores não sabem usar a linguagem musical dramaturgicamente", avalia. Medaglia cita a peça *Brasil S/A*, de Antonio Ermírio de Moraes, como exemplo. Ele diz que a trilha composta por ele foi totalmente modificada pelos ato-

res do espetáculo. "Isso é amadorismo. No final o trabalho ficou destroçado, perdeu o sentido. Só não impedi que fosse utilizado em cena para evitar confusões", revela.

Medaglia reconhece a versatilidade e competência dos músicos brasileiros, mas diz que eles não têm como aprender a lidar com a linguagem dramaturgicamente musical por falta de interesse dos produtores de dramaturgia. "Mesmo nas atrações, a tevê só se interessa em mostrar

gente que paga para aparecer. Não há diversidade musical nessas músicas de bordel de casa de posto, que chamam de MPB. Os culpados são vocês, jornalistas, que deixam de lado o senso crítico em função do que faz sucesso", dispara.

Segundo o maestro, os diretores Walter Jorge Durst, Antônio Abujamra e Walter Avancini são os únicos que entendem o significado da música na produção dramática.

PRO NOÇÃO

1,20

NOITES DE VERÃO

ESPAGUETI A MATRICIANA

SÓ 3,90

CAMPINAS

R. Antonio Lapa, 826
Cambuí - Campinas
Tel. (019) 255.5331
Estacionamento no local